

# Capixaba tem

# sotaque?



**Autores:** Eliane Mara Pimentel  
Diemerson Saquetto



INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HUMANIDADES

**ELIANE MARA PIMENTEL**  
**DIEMERSON SAQUETTO**

**CAPIXABA TEM SOTAQUE?**

Série Cadernos Pedagógicos de Ensino de Humanidades 02

Vitória  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória

---

P644c Pimentel, Eliane Mara.

Capixaba tem sotaque? / Eliane Mara Pimentel, Diemerson Saquetto. – Vitória, ES :  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2018.  
69 p. : il. 21 cm (Série cadernos pedagógicos de ensino de Humanidades; 2)

ISBN: 978-85-8263-376-2 (ebook).

1. Filosofia da educação. 2. Crianças e Filosofia. 3 . Literatura filosófica. 4 . Novela  
filosófica. I. Saquetto, Diemerson. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD – 372.8

---

Copyright @ 2018 by Instituto Federal do Espírito Santo  
Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº. 1.825 de 20 de dezembro de 1907.  
O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Material didático público para livre reprodução.  
Material bibliográfico eletrônico.

**Realização**



**Edifes**

*Instituto Federal do Espírito Santo  
Rua Barão de Mauá, 30, Jucutuquara - Vitória, Espírito Santo. CEP: 29040-860.  
Tel. +55 (27) 3198.0910  
E-mail: editora@ifes.edu.br*

**Comissão Científica**

Gustavo Henrique Araújo Forde  
Aldieres Caprini  
Antônio Donizetti Sgarbi

**Coordenação Editorial**

Antonio Donizetti Sgarbi  
Leonardo Bis dos Santos

**Revisão do Texto**

*Ana Guilhermina Martins Hübner*

**Apoio Técnico**

*Arlindo José Mercon*

**Capa e Editoração Eletrônica**

*Katy Kênio Ribeiro*

**Produção e Divulgação**

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades  
Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória  
Av. Vitória, 1729, Bairro Jucutuquara  
Vitória, Espírito Santo. CEP: 29040-860



**INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**Jadir Pella**  
Reitor

**Adriana Piontkovsky Barcellos**  
Pró-Reitor de Ensino

**André Romero da Silva**  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação

**Renato Tannure Rotta de Almeida**  
Pró-Reitor de Extensão e Produção

**Lezi José Ferreira**  
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

**Luciano de Oliveira Toledo**  
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

**Ifes – Campus Vitória**

**Hudson Cogo**  
Diretor Geral do *Campus* Vitória – Ifes

**Marcio Almeida Có**  
Diretor de Ensino

**Márcia Regina Pereira Lima**  
Diretora de Pesquisa e Pós-graduação

**Christian Mariani dos Santos**  
Diretor de Extensão

**Roseni da Costa Silva Pratti**  
Diretor de Administração

## RESUMO DO CURRÍCULO DOS AUTORES

### **Eliane Mara Pimentel:**



Mestre em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo, possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (1997) e MBA em Gestão Estratégica de Pessoas pelas Faculdades Pitágoras, Belo Horizonte - Kroton. Atualmente é coordenadora pedagógica do 9º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio no Colégio Marista Nossa Senhora Da Penha em Vila Velha/ES. Tem experiência profissional no âmbito da coordenação pedagógica, orientação educacional e supervisão escolar nos vários níveis de ensino, desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental e Médio. Trabalhou durante oito anos na Rede Pitágoras de Ensino - Colégio Padrão no estado de Minas Gerais, lecionando disciplinas de Arte da Educação Infantil ao 5º ano, Geografia e História e Língua Portuguesa para o Fundamental I. Trabalhou como assessora pedagógica de escolas particulares em Montes Claros / MG, na capacitação docente e organização curricular. Lecionou para turmas do Ensino Fundamental I e foi coordenadora pedagógica nos dois segmentos da Educação Básica na escola pertencente ao Grupo Coteminas em MG.

### **Diemerson Saquetto:**



Diretor Geral e Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES - campus Vila Velha), com atuação nos Cursos Técnico em Biotecnologia, de Licenciatura em Química, especializações em formação de professores, nos Mestrados em Ensino de Humanidades e PROFQui. Presidente do Conselho Regional de Psicologia do ES (CRP-16). Pós-doutorado e Doutorado em Psicologia, Mestrado em História Social e Política (UFES). Especialista em Gestão de Políticas Públicas; Especialista em Educação de Jovens e Adultos; Especialista em Filosofia e Psicanálise; Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Psicólogo formado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Acadêmico de Direito (UFES). Tem experiência nos seguintes temas: Psicologia Social; Ensino e História das Ciências; Formação de Professores; Gênero e Religião.



## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>PREFÁCIO</b> .....                                 | 9  |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                               | 11 |
| COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO: DE QUE JEITO? .....       | 11 |
| A roda.....   | 12 |
| O texto.....  | 13 |
| O professor.....                                      | 14 |
| O aluno.....  | 15 |
| De que jeito? .....                                   | 16 |
| <b>CAPÍTULO 1: CAPIXABA TEM SOTAQUE?</b> .....        | 18 |
| Pra gente pensar... ..                                | 20 |
| Pra gente pensar... ..                                | 22 |
| DEDINHO DE PROSA... ..                                | 26 |
| Pra gente pensar... ..                                | 27 |
| <b>CAPÍTULO 2: ENTÃO, AMANHÃ AULA EM CAMPO!</b> ..... | 28 |
| “Olha o passarinho!” .....                            | 30 |
| Pra gente pensar... ..                                | 33 |
| CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO.....                         | 34 |
| <b>CAPÍTULO 3: A PRAIA, O PEIXE E O TEMPO</b> .....   | 35 |



|   |           |
|---|-----------|
| “Olha o passarinho!” .....                            | 37        |
| Pra gente pensar... ..                                | 41        |
| CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO.....                         | 42        |
| Pra gente pensar... ..                                | 45        |
| DEDINHO DE PROSA... ..                                | 46        |
| CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO.....                         | 47        |
| <b>CAPÍTULO 4: UM GRITO DE LIBERDADE.....</b>         | <b>49</b> |
| “Olha o passarinho!” .....                            | 52        |
| Pra gente pensar... ..                                | 55        |
| CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO.....                         | 56        |
| DEDINHO DE PROSA... ..                                | 58        |
| <b>CAPÍTULO 5: O PORTO E A ESTRADA DE FERRO .....</b> | <b>59</b> |
| “Olha o passarinho!” .....                            | 62        |
| Pra gente pensar... ..                                | 63        |
| CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO.....                         | 64        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                     | <b>66</b> |
| REFERÊNCIAS.....                                      | 67        |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....                         | 68        |

## PREFÁCIO

Lembro-me de todas as vezes em que depois de mais de mil quilômetros de viagem nosso carro chegava na avenida que dava acesso à praia. O cheiro era inconfundível. Cheiro de férias, de casa de avó, cheiro de mar. Fui criada em Minas, mas fui criança muitas vezes aqui no Espírito Santo e o que sinto por essa terra me levou a criar o Caio, personagem dessa novela.

Caio permitiu trazer à tona minhas lembranças da infância e minha prática como professora de história nas séries iniciais, onde ensinei durante muitos anos sobre o “ser mineiro”. Quando me mudei para o Espírito Santo, senti falta dessa identidade delimitada nos capixabas, assim como a percebo nos mineiros. As histórias do Caio tentam costurar as marcas identitárias do povo capixaba à sua história cultural e fortalecer o vínculo do povo com sua história.

Esse livro é o produto educativo do Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo e foi escrito com base na investigação filosófica proposta pela metodologia da Comunidade de Investigação, criada por Mathew Lipman. A forma como foi escrito baseia-se nos pressupostos da psicologia histórico-cultural, onde a mediação do professor é fundamental para que o estudante dessa faixa etária alcance níveis de pensamento cada vez mais elaborados. Por isso não há um aprofundamento da história dos fatos e personagens. A proposição consiste na busca, na investigação, na pesquisa e o foco principal está no pensar, nas perguntas elaboradas (apenas como sugestões), na força metodológica da pergunta como propulsão para a busca das verdades da história, nos mais

diversos vieses, sem pretensão de ser única, mas paradoxalmente singular e original para cada sujeito que a constrói, numa perspectiva colaborativa e coletiva.

Nosso desejo é que Caio abra as portas da sua bisbilhotice e da de seus alunos para que, juntos, possamos ensinar e aprender sobre trabalho, cultura, memória, tradição, política, história e sobre nós mesmos...



## INTRODUÇÃO

### COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO: DE QUE JEITO?

*O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário.*

*Paulo Freire*

A preocupação com a seleção de metodologias que possibilitem uma maior interação, participação e conseqüentemente, maior possibilidade de intervenção do professor, na perspectiva de poder intrrometer-se no processo de construção do conhecimento do seu aluno, tem sido preocupação constante na vida profissional daqueles que se comprometem com o ensino de qualidade nesse país.

Os textos desse material, apresentados propositadamente em pequenos capítulos, foram baseadas na metodologia utilizada por Mathew Lipmam para ensinar filosofia para crianças chamada Comunidade de Investigação.

Esta Comunidade busca exercitar o pensamento reflexivo e crítico sobre os fatos, o mundo, as pessoas, os conceitos, os valores. O professor que se dispõe a aplicar seus princípios precisa acreditar na força do diálogo como ferramenta autêntica da libertação e da liberdade, necessita ter consciência do quanto seu trabalho pode colaborar com a

construção de um país mais democrático, precisa ser empenhado em valorizar o pluralismo em que se constitui as relações, os pensamentos, os comportamentos e o conhecimento.

### **A roda...**

A roda é um princípio da metodologia utilizada em uma Comunidade de Investigação. Nela todos os participantes podem ser vistos e observados, nas palavras, nos gestos, no comportamento. É na roda também que o professor se coloca, nesse momento como igual no sentido de se tornar um pesquisador, alguém que busca perguntas e que lança mão estrategicamente daquelas que podem fazer com que o grupo seja impulsionado à curiosidade criteriosa.

Para que a roda funcione é preciso que haja combinados entre os participantes, regras simples, como qual é a hora de falar e de que jeito pode-se dizer o que pensa ou o que sabe sempre respeitando a ideia e as suposições do outro. É um exercício de respeito e alteridade, difícil no começo, mas bem possível, se os combinados forem respeitados. Para as primeiras rodas de conversa, o professor pode levar um pequeno objeto relacionado ao tema que apresentará para o grupo, um dos combinados por exemplo é que a vez de falar está com quem segura o objeto, os demais precisam escutar com atenção e depois emitir opiniões a respeito.

O importante é utilizar o momento da roda para levar o grupo a concentrar-se em perguntas que possam ser feitas sobre o tema do texto, sabendo que a pergunta provoca sentimento de inquietação, o professor enquanto mediador da aprendizagem, despertará em seus alunos a criatividade e a criticidade com o objetivo de ampliarem seus

conhecimentos sobre o assunto proposto e despertar a vontade de saber mais. Quando nos concentrarmos em aprender, perguntar é mais importante do que responder.

### **O texto...**

A novela caracteriza-se por ser uma narrativa breve, que procura enredar os fatos em torno de uma personagem principal. Há no texto um fio condutor que prende o leitor/ ouvinte ao que acontecerá no próximo capítulo.

A escolha por novelas para propulsar o diálogo na Comunidade de Investigação, dá-se pelo fato do gênero permitir pausas entre os fatos e acontecimentos e possibilitar discussões acerca dos conhecimentos, das ideias, do suposto, sem correr o risco de se esquecer o objeto central da trama ou seu personagem. Sabendo que a leitura é a portadora da proposta, é importante que o grupo se encante pelo que lê, ou pelo que ouve e vá construindo o sentido do texto, preparando-se para as perguntas, imaginando, questionando, pensando, refletindo, por isso as estratégias de leitura podem ser as mais variadas, de acordo com a habilidade do grupo.

Ao utilizar as novelas o professor promove uma rede de interações entre leitor, autor, leitor, texto, fatos, realidade e imaginação, fatos e invenções culturais. A linguagem escolhida é simples e promove a compreensão dos alunos, principalmente por terem sua história assemelhada a da personagem em muitos momentos durante a trama, pois quanto maior for a compreensão do episódio, maior será a condição para problematizar. Enquanto pretexto para o ensino de

História, a novela pode ser um auxílio importante na tentativa de validar e valorizar os conhecimentos construídos pela humanidade.

### **O professor...**

O professor que escolhe utilizar a metodologia da comunidade de investigação valoriza as perguntas mais do que as respostas, o que parece ser uma lógica contrária à da escola, que premia os acertos e pune as respostas “inadequadas”. Sabe que perguntar estimula as sinapses, produz conhecimento, a curiosidade e motiva, oportunizando e contribuindo para a construção de habilidades de pensar.

Seu papel é muito importante na condução da discussão ao criar condições para investigar, criticar, duvidar e estimular o pensamento através de um diálogo investigativo. De acordo com Nondeilde Almeida e Raquel dos Santos, autoras do livro *Filosofia para Crianças um caminho*, o professor deve ser provocativo, dialógico, questionador e problematizador. Deve ter uma atitude filosófica e demonstrar sensibilidade, deve esforçar-se para ser democrático e ao mesmo tempo rigoroso, estimular a imaginação e a capacidade de invenção como possibilidades de perguntas, deve também buscar com tenacidade a coerência.

Tais habilidades do professor o tornam empático, fazem com que tenha sintonia com o outro e se perceba também como aprendiz, pois acredita que o erro é importante durante o percurso de investigação, da busca por verdade, mas sobretudo acredita que a sua verdade é arrematada pela verdade do outro.

O professor também necessita investir tempo em planejar e estudar, aprofundando-se no tema que será proposto para a Comunidade de Investigação. Como as novelas são suporte e pretexto para discussões mais profundas e críticas, é indispensável investir tempo para compreender melhor os temas propostos nos textos, para que possa exercitar melhor seu papel de mediador do diálogo consciente e criticamente.

É importante que o professor enquanto mediador do diálogo não se apresse em concordar ou discordar do posicionamento dos alunos durante os diálogos na roda. Sua postura deverá ser sempre a de confrontar pensamentos diferentes, usando frases como “o que você acha...”, “você concorda com o pensamento de...? Por quê?” “alguém discorda do que ... falou?”. Tais exemplos servem somente para indicar que quando o professor responde imediatamente com um “isso mesmo!” ou “muito bem” de imediato, pode inibir que outras ideias surjam no grupo ou impedir que uma boa discussão ou investigação comece.

### **O aluno...**

A roda de discussão oportuniza ao aluno desenvolver a consciência do outro, o respeito, a alteridade. Também estimula a pensar e a descobrir os motivos que o fazem pensar desta ou daquela maneira. Dessa forma o aluno precisa ser estimulado a aprender a ouvir, ler e participar e sentir-se desafiado a expressar-se no decorrer da atividade.



Durante uma roda dialógica da Comunidade de Investigação o aluno pode ser convidado a esclarecer suas ideias, buscar sentido, pensar em razões e explicações para os fatos que não aparecem nos livros ou nas histórias contadas, mas que podem explicar motivos e consequências para a História.

Na roda, de frente para o grupo, o pensamento precisa ser coerente e esclarecedor, sendo assim o professor, o texto e os colegas auxiliam a mediar o pensamento a fim de explicar pontos de vista, encontrar outras respostas que não as convencionais, compreender razões, analisar alternativas. As perguntas precisam revelar interesse sincero pela descoberta e da discussão e abrir portas à investigação, estimulando o aprofundamento do tema proposto. Ele poderá identificar-se com a personagem da novela e ser desafiado a viajar com a história em busca de novas e melhores perguntas.

### **De que jeito?**

Com base nos registros de Santos (...) adaptamos algumas etapas para o que o professor conduza o diálogo numa Comunidade de Investigação, são eles:

- **Aquecimento** – onde o professor relembra as perguntas mais importantes ou episódio anterior;
- **Apresentação do texto** – que pode contar com a criatividade do professor para a leitura;

- **Problematização** – momento em que as perguntas são elaboradas e discutidas;
- **Escolha da questão ou questões** – que servirão para nortear a pesquisa, a investigação feita pela turma;
- **Discussão** – momento em que o professor poderá subsidiar a turma com outras informações sobre o assunto, recortes de jornais, imagens e principalmente perguntas que estimulem a pesquisa e o envolvimento curioso dos alunos;
- **Avaliar** – através de gravuras, frases, cores, palavras, os alunos podem exprimir seu envolvimento e participação.

As perguntas deverão promover a investigação e a pesquisa crítica, o diálogo atravessado pelas contradições que compõem a história do homem. Neste material, a sessão “**Pra gente pensar**” aponta sugestões de questionamentos a serem levantados pelo professor, caso não sejam levantados pelos alunos. A partir da roda de discussão outras formas para registrar o que foi descoberto e o conhecimento aprendido podem ser utilizados pelo professor.

Na sessão “**Conversa ao pé-do-ouvido**” propomos lugares físicos e virtuais que podem ser (re)visitados e servir para oxigenar as ideias do grupo com novas informações e novas formas de ver os fatos e personagens da história.

## CAPÍTULO 1

### CAPIXABA TEM SOTAQUE?

Naquele dia fiquei mesmo furioso com o meu pai! Iríamos nos mudar novamente...

Como isso era difícil! Começar do zero: fazer novos amigos, conhecer novos vizinhos, outra rua, outro bairro, outra escola!

Xiii! A escola! Nova professora, novos livros, novos colegas, novas palavras! Afh!!!

É sempre assim aqui em casa. De tempos em tempos a gente se muda.

Esse lugar pra onde iríamos ficava bem longe da onde morávamos agora.

Precisaríamos levar pouca mudança, iremos comprar o que fosse necessário, mas além das nossas coisas pessoais, roupas e sapato, é claro, deveríamos “deixar a tristeza para trás e levar na bagagem somente o necessário para não nos esquecermos de onde viemos, as nossas memórias”, disse o meu pai.

Faremos o trajeto em várias partes. Isso promete ser longo! De Pereirinhas até Vitória é um bom pedaço de chão.

Pereirinhas é uma pequena cidadezinha do interior de Minas Gerais. Antigamente era uma grande região de fazendas de café. Meus bisavós eram daqui e por isso, meus pais aceitaram esse trabalho. Na verdade, procuravam se mudar para lugares onde a nossa história fosse mantida e reavivada de alguma forma.

Chegamos há três anos e em pouco tempo eu tinha a sensação de que sempre havia morado nesse lugar. Já vivemos em outros lugares nas Minas Gerais: lugares de montanhas e de rios, lugares frios e quentes, lugares movimentados e bem pacatos como ali em Pereirinhas! Gente simples, sabe? E apesar de pegar um ônibus todos os dias para ir para a aula, na cidade mais próxima, fico louco para chegar da escola para jogar bola de pé no chão com os meninos, lá na várzea. Aqui a gente conhece todo mundo e todo mundo conhece o Jorge, que é o meu pai. Compro pão, leite e bala sem dinheiro, acredita? E de vez em quando meus pais chegam em casa com algum “agrado” de gente modesta, tipo uma galinha, uma bacia de pão de queijo, um quilo de feijão ou um pé de couve.

Essa mudança será para melhor? Du-vi-do!

Me sinto tão feliz aqui que até já peguei o jeito de se falar, uai sô!



**Pra gente pensar...**

(Sugestão de intervenções)

1. Você já teve que se mudar de casa? Como você se sentiu?
2. Você conhece algum lugar parecido com o que Caio mora?
3. Que trabalho você acha que os pais de Caio faziam?
4. Por que os pais de Caio moravam em Pereirinhas?
5. Você conhece a sua história? E a história de como as primeiras pessoas da sua família vieram morar aqui no Espírito Santo?



*Um bom Mineiro não laça boi com imbirá,  
não dá rasteira no vento,  
não pisa no escuro,  
não anda no molhado,  
não estica conversa com estranho,  
só acredita na fumaça quando vê o fogo,  
só arrisca quando tem certeza,  
não troca um pássaro na mão por dois voando*

*Carlos Drummond de Andrade*



Fiquei pensando sobre o que meu pai falou sobre o que levar na bagagem, principalmente sobre as lembranças. Difícil não levar a tristeza. Mas que lembranças levar? Pensei e planejei carregar dentro da minha mala o sabor do pão de queijo da Dona Candinha, o cheirinho do café sempre às três da tarde vindo da casa da Clarinha, as estátuas de pedra de Aleijadinho que comprei quando visitei Congonhas, .... e o jeito de falar, uai!

Mas como consigo levar isso? As cavalgadas pelas muitas montanhas, as modas de viola animadas, as quermesses e seus pés-de-moleque, as histórias dos heróis de uma tal de Inconfidência contadas pelos mais velhos na praça, a poesia e os poetas do dia-a-dia e a coisa linda que são as igrejas. Sempre tem uma pertinho da gente!

Como será esse povo? Onde eles vão para se divertir? O que costumam comer nos domingos ou nos dias especiais junto com a família? Quem escreve suas poesias? E canções? Onde costumam se reunir para contar e relembrar suas histórias? E porque eles tem esse nome "capixaba"?



**Pra gente pensar...**

(Sugestão de intervenções)

1. Você acha que Caio sentiu medo de se mudar? E você, tem medo de mudança?
2. Quando é que a gente muda? Existe só um jeito de mudar? Tem jeito de mudar por dentro da gente também? Como?
3. Você acha possível deixar as tristezas para trás?
4. O pai de Caio disse para que ele deixasse as tristezas para trás e levasse na bagagem somente as “memórias”. Que memórias você levaria na sua bagagem se tivesse que se mudar?



*E no meio dessa confusão  
alguém partiu sem se despedir;  
foi triste.  
Se houvesse uma despedida  
talvez fosse mais triste,  
talvez tenha sido melhor assim[...]*

*Rubem Braga*



Viramos numa rua bem larga e mamãe sugeriu que abrísssemos a janela.

Um cheirinho de mar tomou todo o nosso carro. De janela e olhos bem abertos eu observava tudo que podia: muitos prédios, carros, gente e o mar.

Aquela imensidão de areia... e água pra perder de vista!

Mamãe nos disse que iríamos gostar de morar aqui. Podíamos andar de bicicleta e até ir à praia no fim de semana.

Enquanto dávamos uma volta de reconhecimento observei uma igrejinha bem no alto de uma montanha. Bem... acho que ela me observava também...





Fim da primeira semana de aula e adivinhem: a professora não pediu para que a gente fizesse a tal redação sobre “Minhas Férias”. Minha escola ficava numa rua sem saída do bairro e dava para ir a pé em menos de dez minutos. Ainda não conhecia os meninos da sala, mas notei que eles se conheciam muito bem. Se cumprimentaram e ficaram de conversa zoando os que iam chegando de mochila nas costas, acompanhados quase sempre por um adulto, que vinha para ter a certeza de que tudo ficaria bem.

Minha mãe também foi e se despediu me encorajando com um beijo.

...Quase passei despercebido, a não ser por uma coisinha que me denunciou: o meu sotaque!

Já na sala de aula, enquanto ia fazendo a chamada a professora pediu para que cada um levantasse a mão e falasse sobre si mesmo, como por exemplo, sobre o que gostava, quantos anos tinha, de onde vinha.



Quando chegou a minha vez foi uma azaração: “Nem precisa dizer de onde ele é, só pelo jeito de falar a gente já sabe!” — falaram em coro os espertinhos da sala!



## DEDINHO DE PROSA...

Cariocas, paulistas, mineiros, baianos, paraibanos, gaúchos... toda essa gente fala a mesma língua, mas cada qual do seu jeitinho. Um puxa mais o "s"; outro capricha no "r"; tem quem fale mais rápido; tem quem fale cantando... A razão de tantas diferenças é o sotaque.

Sotaque é a pronúncia característica de um país, de uma região ou mesmo de uma pessoa. Ele é identificado pela maneira de emitir o som das palavras, variando de um tom para outro. Aqui no Brasil, por exemplo, quase sempre é possível saber em que região as pessoas vivem ou onde viveram uma grande parte de sua vida apenas pela forma que elas falam.

Fonte: <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/por-que-temos-sotaque/>

**Pra gente pensar...**

(Sugestão de intervenções)

1. Será que as pessoas que moram perto das montanhas têm um jeito diferente de falar das que moram perto do mar?
2. A natureza pode influenciar a forma das pessoas conversarem, assim como influencia suas roupas, seus costumes?
3. Você já ouviu a conversa de gente mais velho, sentada numa roda, contando uma história engraçada ou triste? Ficou curioso sobre alguma palavra que não entendeu?
4. A história de como começou um povoado, vila ou cidade, quem foram seus primeiros moradores pode dar pistas sobre algumas palavras e jeitos de falar? O povo espírito-santense tem um jeito próprio de falar?
5. Será que podemos listar algumas dessas palavras?
6. Você saberia dizer quem influenciou o jeito de dizer do povo espírito-santense?
7. Conhece alguém que fala diferente de você? Já procurou saber por que isso acontece?
8. Tem jeito de falar que tem mais valor do que outro? O que isso pode significar?

## CAPÍTULO 2

### **ENTÃO, AMANHÃ AULA EM CAMPO!**

Foi assim que a professora encerrou a aula hoje! Os meninos da sala estavam muito animados. Vamos todos de ônibus passear pelo centro de Vitória. Eu também estou muito ansioso... Quando ainda morava em Minas, de vez em quando a escola levava a gente pra conhecer algum lugar que contava um pouco da história.

Acordei bem cedo e peguei minha lancheira depois do café com pão e corri para a escola. Não queria chegar atrasado de jeito nenhum! Antes de sair notei um cheiro de peixe na cozinha. Cheiro de peixe é uma coisa que não dá para não notar! Minha mãe tinha ido ainda mais cedinho comprar umas coisas pra cozinhar. Ela também estava toda animada: uma vizinha ia ensinar pra ela como se faz moqueca. Sei se vou gostar disso não!

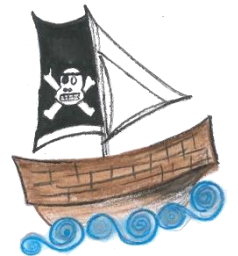
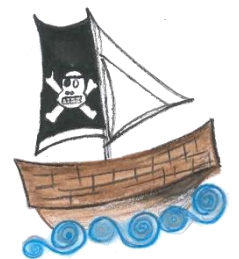
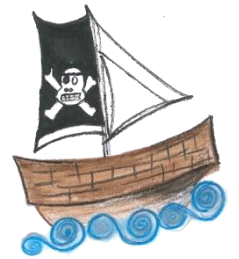
Bem, na porta da escola fui logo para a fila do ônibus, queria pegar um lugar na frente pra ir olhando aquele marzão bonito... Mas nem sempre dá pra ser do jeito que a gente quer né? Acabei sentado no meio do ônibus, ao lado da Marcela que passou a viagem toda me falando sobre a visita que faria no fim de semana para a casa dos seus avós em Santa Teresa. Ela me explicou que seus tataravós vieram de um lugar bem longe do Brasil, chegaram aqui pelo mar e trouxeram nas malas muitas histórias, sementes e alguma esperança. Também disse que eles cuidam da plantação desde muito tempo atrás e que têm um jeito próprio de conversar em casa, com os tios e primos quando estão todos da família estão juntos.



Chegamos ao centro. Nossa professora pediu para que descêsemos do ônibus devagar e vi que tinha um pessoal esperando por nós do outro lado da rua. Logo começamos a andar e eles nos explicavam sobre aqueles lugares antigos da cidade. O Palácio que demorou muito tempo para terminar de ser construído, a Catedral enorme, com todos aqueles vidros coloridos, (já vi parecidos lá em Minas!), as igrejas (há muitas aqui também!) e até um teatro"! Aquele pessoal nos explicou que essa parte da cidade é conhecida como "Cidade Alta". Pensei: é incrível como o mar está sempre presente por aqui, seu cheiro, os barcos, o jeito que os antigos construíram suas casas, as formas das igrejas e os nomes das ruas quase sempre têm a ver com o que o mar trouxe de lá para cá.

Quando a gente estava andando e ouvindo as coisas contadas pelos ajudantes (depois minha professora explicou que eram estudantes de História), eles pararam numa escadaria bem bonita.

Disseram que ela (a escadaria) nem sempre foi assim. Houve um tempo em que era uma ladeira muito grande e que lá pelos anos de 1600 e pouco uns piratas holandeses atracaram seus navios no mar alí por perto e se juntaram para tomar a "cidade alta", mas foram vencidos por causa da força e coragem de uma mulher que animou o povo a lutar. O mais incrível dessa história é que a moça não usou armas, tipo espada ou revólver para vencer essa guerra. Pensava que pirata era coisa só de



filme mesmo, e se eles existiram não seriam corajosos e fortes? Não estavam armados até os dentes?  
Será possível mesmo que isso aconteceu?



“Olha o passarinho!”

Foto 1 - Escadaria Maria Ortiz



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)



Foto 2 - Placa Escadaria Maria Ortiz



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

**Pra gente pensar...**

(Sugestão de intervenções)

1. Nos filmes os piratas estão sempre em busca de riquezas. O que será que os interessava aqui no Espírito Santo?
2. Quem foi o comandante desses piratas e qual foi o plano que fizeram para tomar a “Cidade Alta”?
3. Você acredita que é possível derrotar piratas ou bandidos sem usar armas? De que jeito?
4. Quais foram as armas que a moça chamada Maria Ortiz usou para derrotar aqueles piratas?
5. É possível alguém derrotar uma tentativa de invasão sozinho? Isso aconteceu nessa história?
6. É possível influenciar pessoas a tomarem atitudes necessárias para defenderem outras pessoas, animais ou as plantas, o lugar onde moram?
7. Os piratas de antigamente que aparecem nos filmes usam tapa olho, tem uma perna de pau, um papagaio no ombro e uma espada na mão. Você acha que existem piratas ainda hoje? Como eles são?
8. Se existem ou existissem piratas ainda hoje, eles teriam motivos para invadir o mar do Espírito Santo? Por quê?

## CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO...

Você poderá encontrar mais informações e visitar com seus alunos os seguintes espaços:

- **Escadaria Maria Ortiz** – que fica na R. Nestor Gomes, 227 - Centro, Vitória
  
- **Projeto Visitar** – um projeto da Prefeitura, que faz visitas monitoradas ao centro histórico de Vitória – ES. No projeto você poderá conhecer os lugares a seguir com a ajuda de estudantes de História, que informam sobre aspectos históricos do roteiro:
  - Catedral Metropolitana de Vitória,
  - Convento de São Francisco,
  - Igreja do Rosário,
  - Igreja de São Gonçalo,
  - Capela de Santa Luzia,
  - Convento do Carmo,
  - Theatro Carlos Gomes
  
- **Escola Estadual Maria Ortiz** – que fica na Rua Francisco Araújo 35 – centro Vitória ES

## CAPÍTULO 3

### A PRAIA, O PEIXE E O TEMPO...

Minha mãe aprendeu mesmo como se faz moqueca! E eu que achava que não ia gostar de peixe cozido, gostei até demais! Levantamos cedo naquele dia, era folga do meu pai. A gente ia dar uma volta pela praia e depois comprar um peixe para o almoço.

Enquanto meu pai prestava atenção no trânsito eu não tirava os olhos daqueles prédios enormes e muito bonitos, todos altos, com suas janelas de vidro, pareciam torres de algum castelo. Nunca morei em um prédio. Será que dá para ter um bicho morando aí? Será que os meninos jogam bola e brincam de correr? Chegamos na praia em Itaparica. Minha mãe logo estendeu uma canga e eu tirei a camisa e entrei na água. Aquele marzão me atraía de algum jeito que não dava pra explicar.

Logo conheci dois meninos que estavam sentados perto da gente e passamos uma manhã inteira ali, jogando bola, fazendo castelos de areia, chupando picolé e tomando muito caldo, não de cana, da onda! Mas tudo que é bom também acaba e logo meu pai me chamou para ir embora.

Fui andando pelo calçadão resmungando muito. Mas não deixei de notar umas casas bem simples no meio daqueles prédios enormes. Minha mãe me disse que ali ficava a colônia dos pescadores e fiquei curioso e ela me explicou que colônia era um lugar onde todos trabalhavam na pesca, moravam juntos e se ajudavam como uma grande família.

Minha mãe não encontrou os peixes que queria por ali e resolveu ir até um outro lugar que disseram pra ela ter uns peixes ótimos, a “prainha”. Enquanto ela ia escolher o peixe para o almoço fui com meu pai observar o lugar. Vimos muitos barquinhos parados na praia e pensei que era preciso muita coragem para entrar num barquinho daqueles e enfrentar o mar, de dia e de noite como os pescadores e os viajantes, não acha?

Sentamos para descansar num banco da praça, na frente de uma igreja bem antiga, era bem parecida com algumas que já vi em Minas. Ali perto também vi uma estátua, nela eu li “ Vasco Fernandes Coutinho”, deve ter sido um homem famoso, pensei.

Vi uma âncora enorme e um vagão, de trem eu acho. Observei muitas construções bem antigas, um forte e o convento que é bem famoso por aqui. Vi que a Prainha era bem diferente da praia onde a gente estava de manhã. Por alguma razão parecia que o tempo tinha parado naquele lugar...

“Olha o passarinho!”



Foto 3 - Prainha em Vila Velha ES



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

Foto 4 - Entrada do Forte São João



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)



Foto 5 - Praça da Prainha centro de Vila Velha ES



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

**Pra gente pensar...**

(Sugestão de intervenções)

1. Você já visitou a Prainha? Conseguiu observar as mesmas coisas que Caio?
2. O feijão tropeiro é uma comida típica mineira. Você sabe explicar porque a moqueca é uma comida típica capixaba ?
3. Durante o caminho para a praia, Caio observava os grandes prédios e a colônia de pescadores ali também, bem diferente das outras construções. Quem você acha que chegou primeiro para morar perto da praia? Por quê?
4. Como você acredita que os pescadores conseguem morar ali até hoje?
5. Caio viu na praça uma estátua. Por que as pessoas ganham estátuas? Se pudesse você faria uma estátua de quem?
6. Por que se constróem estátuas em praças?
7. Perto da praça também tinha uma âncora antiga, um vagão de trem e construções que representam a história de tempos passados. Que outros símbolos você já viu pela cidade que podem contar uma história?

## CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO...

Você poderá encontrar mais informações e visitar com seus alunos os seguintes espaços:

- **Associação das paneiras de Goiabeiras** – que fica na R. das Paneiras, 55 - Goiabeiras, Vitória – ES
- **Mercado de peixes da Prainha** – Vila Velha – ES
- **Desfiadeiras de siri** – na Ilha das Caieiras – Vitória – ES





Na escola a professora explicou que no dia seguinte seria feriado por motivo de ser a comemoração do dia da chegada de Vasco Fernandes Coutinho no Espírito Santo. Ela pediu para que a gente se sentasse em uma roda e começou a contar uma história de muito tempo atrás, quando Vasco veio, junto com umas sessenta pessoas, para morar aqui no Espírito Santo.

Eles vieram de Portugal, um outro país bem longe, ela explicou, e chegaram em um navio chamado Glória num dia de domingo de Pentecostes, que é uma data especial para os cristãos, por isso Vasco deu o nome de Espírito Santo ao lugar. Os portugueses deviam saber que haviam muitas riquezas por esses lados e por isso resolveram navegar até aqui. Era uma viagem arriscada de muitos dias mas eles acreditavam que ficariam muito ricos com ouro, pedras preciosas e plantas especiais, disse Dona Rose, minha professora.

Mas os portugueses não foram recebidos com festa não, os índios que eram donos da terra há muito tempo, receberam eles com muitas flechadas!

A professora disse que o rei de Portugal tinha dado para Vasco Coutinho essa terra do Espírito Santo, num tempo em que o Brasil era uma colônia. Fiquei bem confuso, como pode o Brasil ter sido uma colônia? Minha mãe tinha dito que numa colônia todos moram juntos, fazem o mesmo trabalho para sobreviver e são como uma grande família, será que naquele tempo todos aqui eram pescadores também?... E como pode um rei dar para alguém uma terra que já tinha dono?

Na verdade o rei dividiu a terra do Brasil em muitos lotes e distribuiu para alguns portugueses. Por herdar a terra, Vasco teria que fazer benfeitorias, que são coisas boas, como por exemplo construir casas, plantar, proteger a terra de ataques de outros povos, se não o rei poderia tomá-la de volta. Para isso teria que ter muita gente fazendo o trabalho por aqui. Os índios não estavam acostumados a cultivarem a terra do jeito que os portugueses precisavam para ficarem ricos. Foi então que começou uma grande e demorada luta para expulsar os índios das suas terras e substituir as pequenas roças de milho e mandioca por lavouras de cana-de-açúcar, que era muito valiosa na Europa naqueles tempos.

A professora apresentou um mapa que mostrava quais as tribos movaram aqui naqueles tempos. Puxa, como eles eram numerosos!!! Ela disse que os europeus fizeram muitas tentativas de conquistar a terra, dividindo a capitania em lotes pequenos e escravizando os índios para o trabalho na plantação. Mas Dona Rose também falou que a escravidão dos índios não deu certo, eles fugiam, brigavam, dormiam, bebiam... tudo para não fazerem aquele trabalho da forma como os portugueses queriam.

Também descobri naquele dia, que a história da chegada dos portugueses no Espírito Santo começou na Prainha e isso explicou um pouco daquilo que vi no dia em que passei com meu pai enquanto minha mãe comprava peixes: as construções antigas, a âncora, a igreja, o tempo que resolveu dar uma paradinha por ali...



**Pra gente pensar...**

(Sugestão de intervenções)

1. Existe diferença entre ser da colônia de pescadores e ser colônia de Portugal?
2. A igreja Nossa Senhora do Rosário é a mais antiga do Estado e a quarta igreja mais antiga do país. Ela foi construída em 1551. Por que será que os primeiros portugueses que moraram aqui acharam importante construir uma igreja?
3. Vasco Coutinho precisava fazer benfeitorias aqui na terra do Espírito Santo. Se você fosse ele que benfeitorias iria fazer?
4. Ele também precisaria proteger a terra de invasores. Que tipo de invasores seriam esses? Por que invadiriam essa terra?
5. Na sua opinião os portugueses também seriam invasores? Por quê?
6. Que tipo de "benfeitorias" você acredita que os índios que moravam aqui possuíam?
7. Você já viu índios andando pelas ruas do Espírito Santo? Por que acha que isso aconteceu?
8. Ainda temos índios por aqui?
9. Você acha que o rei de Portugal poderia mesmo dar as terras do Brasil para Vasco Coutinho? Por quê?
10. As capitanias doadas pelo rei de Portugal eram passadas de pai para filho. No Brasil os governos dos lugares também são passados de pai para filho?

DEDINHO DE PROSA...

*Algumas correntes da História afirmam que os índios não foram hostis no primeiro encontro com os portugueses, ou seja, não houve conflito na época em que os portugueses chegaram e praticaram escambo com os índios, o índio reagiria apenas a partir do início da colonização, quando os europeus tomaram suas roças para consolidarem sua posse. O livro **Do Escambo à Escravidão** de Alexander Marchant pode ajudá-lo a pesquisar sobre esse assunto e descobrir juntamente com os alunos quando e como foi a reação dos indígenas. Disponível no site da Universidade Federal do Rio de Janeiro, endereço: <http://www.brasiliana.com.br/obras/do-escambo-a-escravidao-as-relacoes-economicas-de-portugueses-e-indios-na-colonizacao-do-brasil-1500-1580>*

*Os índios entendiam a terra como um lugar sagrado, místico. Para os portugueses a concepção era diferente. Estabeleciam com a terra uma relação de exploração de bens e riquezas. Portanto, os europeus entendiam que os índios que habitavam nosso país no séc XVI não eram “civilizados”, isto é, não possuíam escrita, cultura e não se organizavam em Estado, portanto podiam ser extintos e escravizados. A doação de sesmarias, algumas alianças com grupos indígenas foram estratégias para conquistar a terra.*

*A “preguiça, a bebedeira, a fuga, a violência e as revoltas” foram formas de resistência indígena contra a escravidão.*

*Vale a pena pensar sobre o processo de “conquista” da terra brasileira.*

*Aproveite para conversar com seus alunos sobre o regime de governo em que o monarca, imperador ou rei transmitem o poder de forma **hereditária**. Também vale a pena discutir sobre os cargos políticos no Brasil, em que a carreira e os benefícios também são passados de pai para filho.*

CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO...

Você poderá encontrar mais informações e visitar com seus alunos os seguintes espaços:

- **Casa da Memória** - um museu etnográfico da cidade de Vila Velha, criado em 1997. Ele fica localizado na Praça Luciano das Neves – Prainha, numa casa que foi construída em 1893.
- **Museu Homero Massena** – antiga residência do pintor impressionista, fundador da escola de belas-artes do Espírito Santo.
- **Igreja Nossa Senhora do Rosário** – a mais antiga capela do estado, fundada em 1535. Símbolo da colonização espírito-santense.
- **Praça da Bandeira** – onde está localizado o obelisco a Vasco Fernandes Coutinho, donatário da capitania e fundador da Vila do Espírito Santo.



- **Colônia de Pescadores de Itapoã** – Vila Velha – ES
- **Aldeias indígenas** de Aracruz – ES
- **O monumento ao “Índio Arariboia”**, que fica na Praça Américo Poli Monjardim – Centro, Vitória – ES
- **O site “*spirito santo*”** fundado por Fabio Paiva Reis, historiador e doutor pela Universidade do Minho, com o objetivo de disponibilizar documentos, imagens e informações históricas sobre o estado. Lá você pode encontrar por exemplo, a imagem da carta de doação da capitania a Vasco Coutinho pelo rei de Portugal.

## CAPÍTULO 4

### UM GRITO DE LIBERDADE

O dia de aula começou com a professora apresentando para a turma um monte de imagens recortadas de jornal que mostravam pessoas trabalhando como escravos em madeiras, no desmatamento, na produção de carvão e nas fábricas de tecidos. Era chocante! Pensava que não havia mais pessoas trabalhando como escravos hoje em dia!

Naquele dia a roda de conversa foi muito interessante! Cada vez que mostrava uma imagem daquelas a professora ia acordando um monte de pensamentos na nossa cabeça: “ Como pode alguém trabalhar durante tantas horas por dia? Quando descansam e quem cuida deles quando adoecem? Quando podem sair para passear, cuidar dos filhos, comprar alguma coisa? Por que eles não ligam para a polícia ou contam o que acontece para alguém?”. Ao invés de dar respostas, ela nos deu uma tarefa de casa: pesquisar sobre a escravidão. Reclamamos bastante, mas confesso que fiquei curioso e pensei em pedir ajuda ao meu pai para fazer a pesquisa.

Tínhamos uma importante apresentação na escola. Todos os pais eram convidados e os alunos apresentavam poesias, tocavam violão, dançavam ou faziam uma peça de teatro.



Depois do recreio a professora pediu para que a gente se sentasse em roda e começou a perguntar o que a gente gostaria de apresentar para os pais naquele ano. Foi uma confusão! Uma chuva de ideias! Todo mundo queria dar uma opinião diferente.

Aos poucos dona Rose, a professora, foi ouvindo cada um e parecia gostar muito daquelas ideias que iam surgindo. Mas ela era muito sabida e sempre provocava a gente com alguma coisa que ninguém tinha pensado ainda.

Depois que todos falaram ela disse: “quel tal se nesse ano a gente contasse a história de Chico Prego?”. “ De queeemmm?” Foi o que respondemos em coro. Ninguém nunca tinha ouvido falar sobre esse tal Chico. Dona Rose mostrou pra gente a foto de uma estátua que tem lá na Serra em homenagem ao Chico Prego e disse que ele era um “mártir”, que é alguém que dá a própria vida por algum motivo importante. - “Assim como Tiradentes lá em Minas”, pensei — . Explicou que ele representa a luta contra a escravidão aqui no Espírito Santo. Ela também mostrou fotos de uma igreja, bem hoje não é mais uma igreja inteira, só tem mesmo as paredes, mas numa dessas fotos tinha muita gente dançando e cantando na frente do lugar.

A professora leu para a turma um texto que falava sobre a Insurreição de Queimado. Ela escreveu a palavra insurreição no quadro e explicou que queria dizer rebelião, revolta, resistência. Então ela nos contou a história de um frei italiano que chegou naquela vila e desejou que uma igreja fosse construída para realizar as missas, batizados e casamentos, já que ali moravam muitas pessoas, principalmente negros.

Como não possuía dinheiro para pagar a construção, recebeu algumas doações e combinou com os escravos para que construíssem a igreja aos domingos e nas noites de lua cheia, em troca o frei tentaria convencer os donos desses escravos a libertá-los, dando a eles uma carta especial: a carta de alforria, que quer dizer carta de liberdade!

Pois bem, os escravos trabalharam durante quase quatro anos carregando pedras pesadas para terminarem a igreja, além é claro, de continuarem seus trabalhos todos os dias da semana como escravos. Com a igreja pronta foi marcada uma celebração com todos os moradores importantes do lugar. Os escravos negros também queriam comemorar, já que tinham dado um duro danado, agora poderiam receber aquela carta. Mas, nada aconteceu.

O frei não conseguiu convencer os senhores dos escravos a libertá-los e isso causou uma grande revolta. Minha professora disse que os negros liderados por Chico Prego foram até algumas fazendas obrigando a libertação dos companheiros e isso fez com que o governador do Espírito Santo ficasse tão bravo que chamou até a ajuda da polícia do Rio de Janeiro. Durante quatro dias todos os negros que eram encontrados pelas matas e pelas ruas afora eram presos, sem mesmo terem participado da revolta e ao final muitos foram mortos. Assim como fizeram com Tiradentes, espalhando as partes do corpo dele pelo caminho, Francisco, o Chico Prego também apanhou muito e foi morto num lugar onde todos pudessem ver e sentir medo de se revoltar também.

Resolvido. A turma toda decidiu. Vamos fazer o teatro contando essa história, que não pode ser esquecida, né?

“Olha o passarinho!”

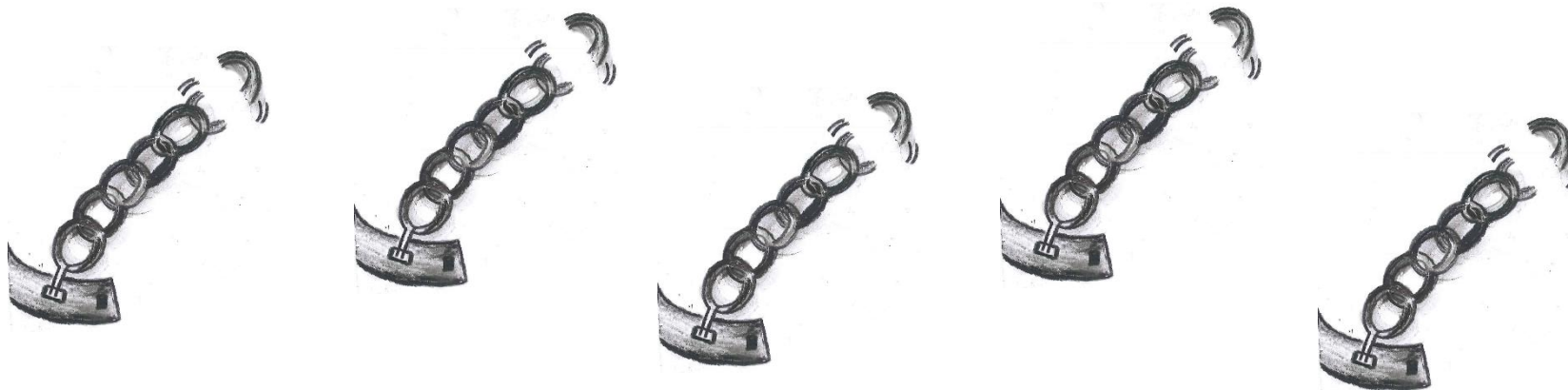


Foto 6 - Estátua de Chico Prego



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

Foto 7 - Igreja de Queimado



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

**Pra gente pensar...**

(Sugestão de intervenções)

1. A professora de Caio trouxe imagens mostrando trabalho escravo atualmente. Por que hoje em dia pessoas ainda trabalham como escravos?
2. Nas fotos da igreja que dona Rose mostrou haviam pessoas comemorando a Insurreição de Queimado, festejando a luta pela liberdade. Você conhece outras festas em que as pessoas comemoram acontecimentos importantes? Quais?
3. A peça de teatro que a turma do Caio iria fazer conta uma história real, acontecida aqui no município da Serra. Na sua opinião, por que os senhores não concordaram em dar aos escravos a carta de liberdade?
4. Os escravos usavam o tempo em que não estavam trabalhando nas fazendas e outros serviços para ajudar na construção da igreja. Ter um tempo para descansar durante a jornada de trabalho é um dos direitos de quem trabalha. Você sabe quais são outros direitos do trabalhador no Brasil?
5. Para você alguém pode ser dono de outra pessoa? Por quê?
6. Para fazer com que as pessoas não tivessem coragem de fazer novas revoltas, os escravos foram mortos em lugares que todos pudessem ver. Você acha que isso realmente impediu outros escravos de se revoltarem?



7. A insurreição de Queimado foi um jeito dos escravos gritarem por liberdade. Você consegue pensar em alguma outra forma em que os negros escravizados poderiam conseguir ser libertos?
8. A igreja que o frei desejava construir para casamentos, batizados e missas também poderia realizar festas e celebrar os ritos da cultura africana? Por quê?
10. Chico Pregó foi líder que ajudou a espalhar o movimento contra a escravidão não só no Espírito Santo, mas no Brasil inteiro. Você conhece outras histórias de pessoas que conseguiram mudar a vida dos outros ao seu redor? Quais ?

### CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO...

Você poderá encontrar outras informações e visitar com seus alunos os seguintes espaços:

- **Estátua de Chico Pregó** – que fica na Av. Getúlio Vargas, 11 – Serra Centro, Serra – ES
- **O site da Fundação Cultural Palmares** – procure pelo texto: Insurreição do Queimado, um marco da luta pela liberdade no endereço: <http://www.palmares.gov.br>.
- **O sítio histórico de São José do Queimado** – na Serra – ES

- **Queimados e Canal dos Escravos** – Um história que se encontra – um vídeo da Fundação Alphaville, disponível no Youtube pelo endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=gVB3s--aaFI>
- **Insurreição do Queimado, um marco da luta pela liberdade** – texto no site do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, no endereço: <https://www.geledes.org.br/>
- **Queimado a revolução dos escravos** – filme realizado em 2004 pelo Diretor João Carlos Christo Coutinho, que conta a história da Revolta dos Negros Escravos, ocorrida no Distrito do Queimado, no Município da Serra.
- **Projeto Kizoomba** – teatro de bonecos no Quilombo de Linharinho, que fica em Conceição da Barra – ES
- **Mucane** – Museu Capixaba do Negro – que fica na Av. República, 121 - Centro, Vitória – ES
- **A estátua do “Guerreiro Zulu”**, que fica em frente à Assembléia Legislativa de Vitória – ES
- **Detetives do Passado** – um blog do Núcleo de Documentação, História e Memória da UNIRIO que discute a escravidão no Brasil no século XIX disponível no site <http://www.numemunirio.org/detetivesdopassado/>.

- **Revista de História da Biblioteca Nacional – Biblioteca Azerevo da Silveira** – disponível no endereço: <http://www.biblioteca.itamaraty.gov.br/periodicos/r/revista-de-historia-da-biblioteca-nacional>.

#### DEDINHO DE PROSA...

*“Como resistir?” Para não terem prejuízos com a lavoura, mineração e lucro envolvendo trabalho escravo, os europeus ressignificaram a escravidão no Brasil, através de uma estratégia bem eficaz: tiravam os negros da sua terra natal no continente africano, misturavam eles com outros povos negros e chegando aqui batizavam os escravos com outros nomes. Esse processo de violência simbólica enfraquecia o sujeito, que não se reconhecia naquele nome, naquela terra, naquele trabalho.*

*O NUMEM – UNIRIO criou um espaço para promover o diálogo entre professores do ensino básico e do ensino superior, para divulgar experiências de pesquisa e ensino. No site Detetives do Passado você encontrará casos sobre escravidão e poderá adaptar para discussão em sala de aula*

## CAPÍTULO 5

### O PORTO E A ESTRADA DE FERRO

Estava muito animado para o domingo, a gente ia visitar um grande navio no porto de Vitória. Acordamos bem cedo e fomos. A fila começava em frente ao Palácio Anchieta e terminava sei lá onde! Ficamos umas três horas em pé, eu acho, mas quando passamos pelo portão... uau!!! Aquilo era imenso, incrível e parecia tão forte. Entrei em cada cantinho procurando descobrir como as coisas ali funcionavam. Comecei a me imaginar comandante de um navio, viajando mundo afora, nas noites estreladas e nos dias de sol bem quente, cortando os mares, enfrentando as tempestades, levando mercadorias daqui pra lá e de lá pra cá.

Lá no porto vi outros navios bem grandes cheios de umas caixas de ferro, que o meu pai disse se chamarem *containers*, e vi outros navios esperando para carregarem e descarregarem coisas. Fiquei pensando como aquelas coisas que entram e saem nos navios para o mundo afora chegam ao porto.

Mal pude esperar o dia seguinte para contar aos meus colegas da escola o meu passeio de domingo.

Quando cheguei na escola, enquanto a professora pegava as coisas no armário da sala eu juntei meus

colegas e comecei a contar minha aventura de comandante de navio! Exagerei um pouquinho, claro! Estava bem empolgado, me achando o “maior popular”, falava pra eles do quanto a gente se sente pequeno quando entra em um navio e como deve ser uma grande aventura ser o comandante de um navio daqueles.

Enquanto falava para os meninos não reparei que a minha professora tinha chegado bem pertinho, assim como quem não quer nada, e ficou ali ouvindo minha conversa. “ Sabia que as coisas que os navios trazem e levam de um lugar para outro chegam pra cá e vão pra lá de caminhão ou pelas estradas do trem?”, contava igualzinho ao meu pai. Imaginam quanto tempo é gasto pra levar alguma coisa importante até um lugar bem longe de Vitória, se essa coisa chega de navio e ainda tem que viajar de caminhão ou de trem.

Nesse momento minha professora me interrompeu: “se você acha que demora hoje em dia, imagina no tempo em que não havia estradas de ferro ou caminhões por aqui!

Eu hein?!? Esse tempo deve ter ficado beemmm lá atrás!

Dona Rose tirou do armário um livro e começou a contar a história do tempo em que um governador chamado Muniz Freire planejou construir a primeira estrada de ferro do Espírito Santo.

Isso foi bem antigamente, o Brasil nem era mais uma colônia, agora era uma República, lá pelos anos de 1890 e poucos. Num tempo em que ainda não havia muita gente morando no interior, mas haviam muitas fazendas de café. Uma parte

do plano de Muiz Freire era levar a produção de café das cidades pequenas do interior diretamente para o porto em Vitória e de lá tudo iria para o mundo afora!

Mas estava escrito lá no livro que a professora mostrou que Muniz Freire teve muitos problemas, um deles era que não tinha bastante gente preparada, que sabia construir uma estrada de ferro por aqui. Então ele teve a ideia de trazer homens, de outros países para o trabalho, principalmente da Itália. Para a construção da estrada de ferro, o governador pediu para algumas pessoas importantes da Itália para que enviassem homens solteiros, para também aumentar o número de famílias morando no interior, eu acho. "Mama mia!"

Bom, mas deve ter sido bem difícil mesmo construir uma estrada no meio das montanhas...

Acho que os plantadores de café devem ter ficado bem satisfeitos com a chance de poderem levar a colheita diretamente para o porto, não acham? Acontece que essa construção ficou muito cara mesmo e o governador deixou o Espírito Santo devendo muito dinheiro. Dona Rose disse que Muniz Freire fez muitas obras e até fundou um partido político na época, talvez por isso tinha uma grande popularidade, quer dizer que muitas pessoas gostaram do trabalho dele como político aqui no Espírito Santo.

Será que hoje em dia as pessoas gostam do trabalho dos políticos?



“Olha o passarinho!”

Foto 8 - Cento da cidade de Muniz Freire



Fonte: Roberto Fotografias

**Pra gente pensar...**

(Sugestão de intervenções)

1. Você conhece alguém que deixou o Espírito Santo ou o Brasil em busca de trabalho?
2. Por que você acha que o governador pediu para que para trabalhar na construção da estrada de ferro os homens fossem solteiros? Você conhece algum descendente de italiano aqui no estado? Onde ele mora?
3. O porto é um lugar onde há um grande movimento de mercadorias que chegam e saem das cidades. Qual a importância da construção de uma estrada de ferro ligando o porto a outros lugares?
4. Hoje em dia esse tipo de estrada ainda é importante?
5. Além de comandante de navio há muitos outros tipos de trabalho ligados ao porto. Quais destes trabalhos você conhece?
6. No porto Caio viu grandes caixas, containers. O que você acha que poderia ser levado ou trazido para cá em caixas como essas?
7. Dona Rose disse que Muniz Freire foi um governador bem popular. Você acha isso importante? O que um político precisa fazer para ser popular hoje em dia?
8. O livro que a professora leu dizia que o governador construiu muitas obras aqui no Espírito Santo, mas que também ele deixou o estado com muitas dívidas. Quando isso acontece, quem é que paga a conta?
9. Se você fosse governador como Muniz Freire, que obras iria fazer ?



10. No tempo em que Muniz Freire foi governador, o Brasil não era mais uma colônia e sim uma República.  
Você sabe o que isso quer dizer?

CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO...

Você poderá encontrar outras informações e visitar com seus alunos os seguintes espaços:

- **Arquivo Público do Espírito Santo** - no texto Documentos do Arquivo Público trazem a história da Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo disponível no endereço: <https://ape.es.gov.br>
- **Escola da Ciência Biologia e História Es** - Endereço: Av. Dário Lourenço de Souza - Mário Cypreste, Vitória
- **Estação Pedro Nolasco** – que faz viagens de trem do Espírito Santo para Minas Gerais, no endereço : Mario Gurgel, s/n - Jardim América, Cariacica – ES
- **Cidade de Muniz Freire** e suas mais de 16 cachoeiras

- **Roteiro “Santas do Espírito Santo”** – Santa Teresa, Leopoldina e Maria de Jetibá – para perceberem a influência da imigração no estado
- **Museu da Vale** – que fica na Antiga Estação Pedro Nolasco, s/n - Argolas, Vila Velha
- **Porto de Vitória** – através do Programa de Visitas da Codesa. Outras informações no site:  
*<http://www.codesa.gov.br>*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não me deixe no escuro, eu preciso caminhar.  
Não conheço esse mundo, mas entendo esse lugar.  
Vou viver a esperança, sei que posso me aproximar  
De você amor, pra dizer o meu pensar...*

*Banda Casaca*

Esperamos que este livro traga luzes sobre a história do povo capixaba e permita que juntos, através do caminho filosófico, professores e alunos conheçam e compreendam mais do lugar ao qual pertencem. Não é nossa pretensão esgotar o tema História do Espírito Santo, nem elencar essa ou aquela personagem ou fato mais importante. O que fizemos foi apenas recortar alguns pontos e inseri-los em um espaço de possibilidade dialógico para (re) descobrir o que já foi contado, por quem e com qual intenção.

A nossa esperança é que as perguntas feitas, durante as rodas de diálogo, possam ser redentoras de outras e outras e muitas mais.... e que despertem em cada um, aluno e professor a criticidade e a curiosidade necessárias para amar a terra onde se vive e cultivar a esperança de mudança sempre!

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nondeilde Ferraz de; SANTOS Raquel dos. **Filosofia para Crianças um caminho**. Belo Horizonte: Cultura, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-pedagogia-da-autonomia-paulo-freire-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em 16 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2008

\_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Disponível em: <[https://www.emater.tche.br/site/arquivos\\_pdf/teses/Livro\\_P\\_Freire\\_Extensao\\_ou\\_Comunicacao.pdf](https://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Livro_P_Freire_Extensao_ou_Comunicacao.pdf)>. Acesso em 16 jul. 2016.

LIPMAN, Matthew. **Nathasha**: diálogos vygotkianos. 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. **O pensar na educação**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOFISTE, Juarez Gomes. Freire E Lipman: Possibilidades E Limites De Uma Aproximação. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora, v. 1, n. 12, 2010. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2010/04/12\\_1\\_juarez.pdf](http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2010/04/12_1_juarez.pdf)>. Acesso em 17 jul 2016.

VIGOTSKI, Lev. **Pensamento e Linguagem**. [S.l.]: eBooksBrasil. [s.n.t.]. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html>>. Acesso em 16 jul. 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 9.ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **Escola e democracia**. 41. ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

- ALMEIDA, Nondeilde Ferraz de; SANTOS Raquel dos. **Filosofia para Crianças um caminho**. Belo Horizonte: Cultura, 1998.
- HOBSBAWM, Eric; CARDIM, Celina. **A invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra S.A., 2008.
- LIPMAN, Matthew. **Issau e Guga**. Editora Difusão da Educação e Cultura, [S.I.]: 1997.
- SIMÃO, Rodrigo. **Espírito Santo: uma viagem de cinco séculos**. Vitória: Porto das Letras, 2006.
- SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. **Vila Velha, Nosso Município**: noções históricas e geográficas do município de Vila Velha para o Ensino Fundamental. Vitória: Formar, 2013.
- ESPÍRITO SANTO (estado). Arquivo Público do Espírito Santo. Disponível em: <<https://ape.es.gov.br>>.
- FUNDAÇÃO ALPHAVILLE. **Um história que se encontra**. Documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gvB3s--aaFI>>.
- BRASIL. Site da Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br>>.



ISBN 978-85-8263-376-2 (e-book)